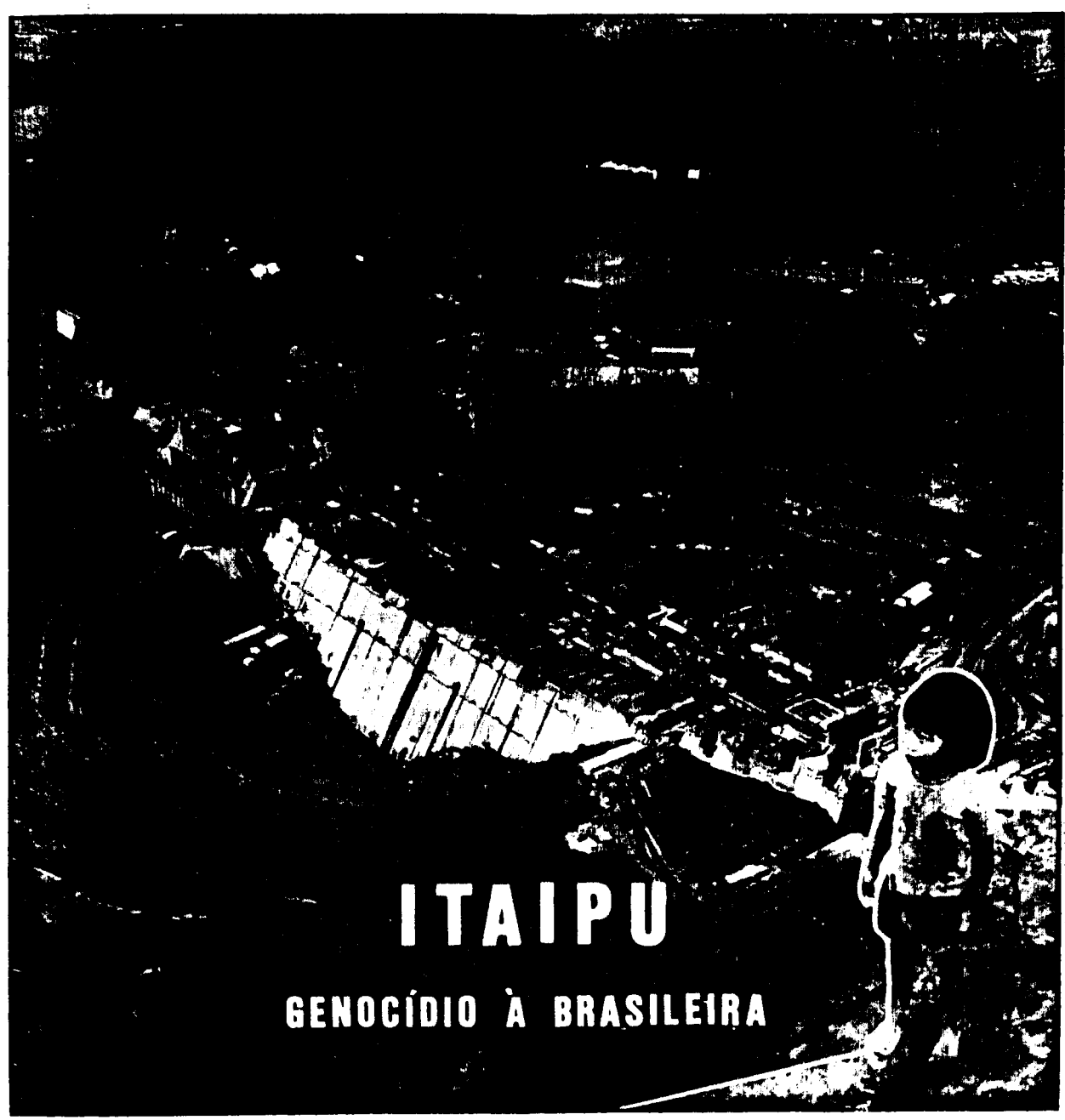


LUTA

DEZ 1982

CIRCULAÇÃO INTERNA

INDIGENA¹⁸



ITAIPU

GENOCÍDIO À BRASILEIRA

mangueirinha: retrospectiva

Itaipu ,

OS ÍNDIOS

E OS BICHOS



Esse absurdo e estupidez que resolveram chamar de Itaipu (*) tem outras denominações mais fiéis à realidade: "hidrelétrica da ostentação e do desperdício"; "monumento da subserviência"; "campeã do endividamento brasileiro" e "recibo da compra do Paraguai".

Já chegavam esses títulos para mostrar que não ganhamos nada com essa obra. No entanto, Itaipu fez por merecer um novo título, que coloca a todos nós brasileiros como cúmplices de um crime vergonhoso: " Genocídio à Brasileira".

(*) ITA-IPU = "pedra que soa" ("pedra que canta"). Adolfo Mariano da Costa, em sua obra "Canal de Desvio", coloca na boca dos Guaraní um grito: " a pedra já não canta mais... Itá ndaipuveima..." (São Paulo - ,Edições Populares, 1981. pg 12).

TERRAS PARA REASSENTAMENTO DOS AVÁ - GUARANI (XIRIPÁ)

O lago da hidrelétrica de Itaipu cobriu grande parte do tradicional habitat dos Avá-Guarani(1) obrigando o deslocamento de cerca de 260 famílias desse povo, que perderam sua terra, seus cemitérios, parte de sua história. Dessas, cerca de 240 famílias no lado paraguaio e pouco mais de 20 no lado brasileiro. (vide mapa).

A Binacional tinha uma solução rápida para o problema: pagar indenizações pelas benfeitorias e roças das famílias indígenas e mandá-las embora o quanto antes. No lado brasileiro contava a Itaipu com a colaboração da Funai, que se dispôs a levar os Avá-Guarani para a reserva de Rio das Cobras (apesar de que eles não queriam).

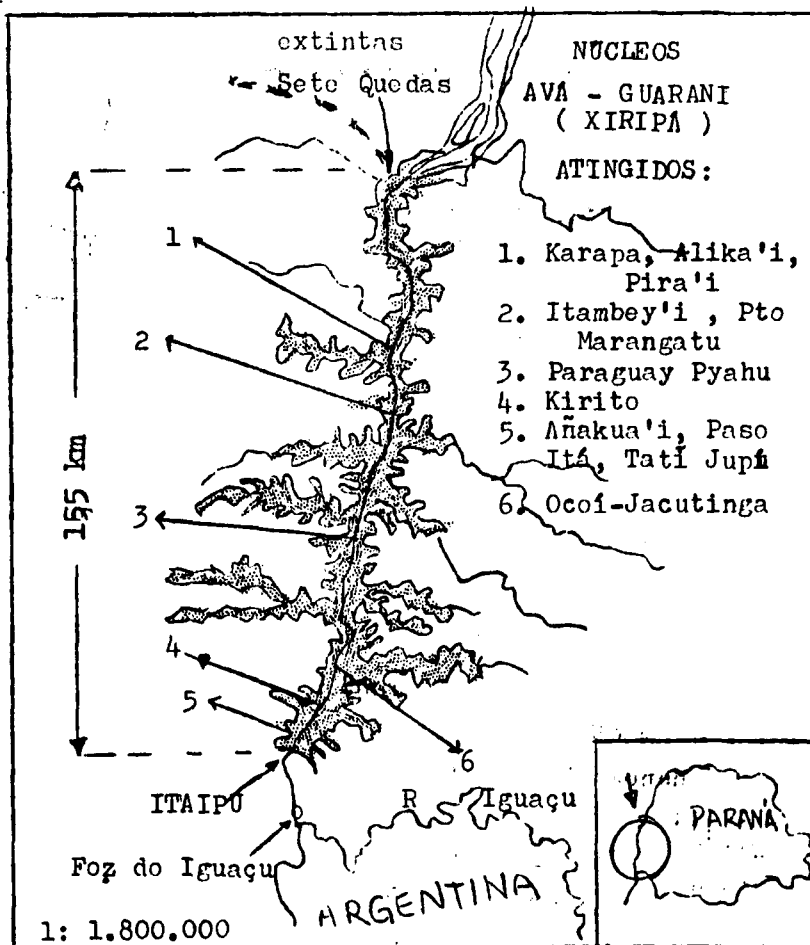
Muita pressão foi feita, no Paraguai e no Brasil, por entidades indigenistas e de apoio à causa indígena, para se conseguir terras para reassentamento das famílias indígenas. No Brasil a resistência dos próprios índios foi um importante fator para exigir outras terras (conforme manda o Estatuto do índio, inclusive, no seu Art. 20).

O resultado de muita luta, muito esforço, muita denúncia foi o que segue:

No lado paraguaio, quatro glebas:

-Kirito Pyahu, com 1012 hectares, adquirida não por Itaipu, mas pela Conferência Episcopal do Paraguai com recursos doados pelas Igrejas da Alemanha.

-Vacaréangué, com 2000 hectares, também não adquirida por Itaipu,



pu, mas fruto de negociações entre a Associação Indigenista Paraguaia e o Instituto de Bem Estar Rural.

- Duas glebas, de 1000 hectares cada, estas adquiridas por Itaipu, em Reservado 8 e Naranjito, ambas no Distrito de Hornandárias.

No lado brasileiro, uma gleba:

- Córrego Água Branca, nas proximidades de Santa Rosa do Ocoí, com 253 hectares, dos quais 36 hectares eram da Itaipu e os restantes do INCRA (Itaipu pagará à União por esses 217 hectares??). Vale lembrar que os Avá-Guarani do Ocoí-Jacutinga, já reassentados, possuíam antes 1500 hectares, não se respeitando portanto sequer as leis vigentes no país.

Ao todo, são 5.265 hectares para abrigar 262 famílias indígenas. Isso dá a média de 20,09 hectares por família, o que, para um povo indígena, é um absurdo de confinamento, para dizer o mínimo.

Essas terras custaram cerca de 215 milhões de cruzeiros. No entanto, Itaipu mesmo só gastou cerca de 75 milhões (ou 160 milhões, se pagou à União as terras que eram do INCRA).

INDENIZAÇÕES PARA OS ÍNDIOS

No lado paraguaio, entre indenizações e gastos de reassentamento, Itaipu não gastou mais de 9 milhões de cruzeiros. No lado brasileiro, Itaipu entregou à Funai 2.313.000,00 (dois milhões e trezentos e treze mil) pertencentes aos índios, e a Binacional teve alguns pequenos gastos com transporte das famílias (numa distância inferior a 30 Km). Ao todo não ultrapassaram os 12 milhões de cruzeiros os gastos da Itaipu com indenizações e reassentamento das famílias (numa distância inferior a 30 km). Ao todo não ultrapassaram os 12 milhões de cruzeiros os gastos da Itaipu com indenizações e reassentamento das famílias.

TERRAS PARA OS BICHOS

Itaipu há tempos tem divulgado notícias de seus "refúgios ecológicos", onde abrigarão os animais resgatados da grande inundação. Segundo a revista "Isto É", de 27/10/82, esses refúgios são:

- Bela Vista, com 3.300 hectares, no lado brasileiro.

- Santa Helena, com 1.380 hectares, no lado brasileiro.

- Itavó e Linoy, com 24.000 hectares, no lado paraguaio.

Isso dá um total de 28.680 hectares. **Estuda-se**, no entanto, a criação de um quinto refúgio (que, ademais, resolveria um problema pendente de fronteiras): Guaíra, com 1.500 hectares. Se isso for concretizado os animais resgatados terão à disposição 30.180 hectares. Não foram divulgados dados sobre o custo dessas terras, tampouco a sua origem. Mas se calcularmos nos valores que custaram as terras para os índios, as terras para os bichos terão custado

A ARCA
DE ITAIPU

ÍNDIO
NÃO
ENTRA



cerca de 1 milhão e 250 mil cruzeiros.

Quanta terra vai corresponder a cada bicho?

A mesma revista "Isto É" informa os resultados da Operação "Mymba-Kuera" (bichos), que teve promoção bem paga por Itaipu em diversos meios de comunicação. Diz a revista que "até quarta-feira, 20, as equipes já haviam resgatado exatos 2,835 exemplares de gambás, cobras, raposas, macacos, tamanduás e outros bichos. A espécie mais comum nas redes e puças usados pelas equipes de resgate eram cobras - 1.599 exemplares".

É bem provável que o número de animais resgatados - sobretudo cobras - tenha aumentado até 27 de Outubro (quando o lago atingiu a cota de 206 metros acima do nível do mar, cobrindo Sete Quedas de uma vez). Sendo muito otimistas, vamos acreditar que a operação "Mymba-Kuera", mais os resgates anteriores e doações de animais por moradores totalizem a grande cifra de 4.000 animais (sobretudo cobras, frise-se).

Dividindo-se o total de 28.680 hectares por 4.000 animais teremos a média de 7,17 hectares por animal. Se dividirmos o total de 30.180 hectares (incluindo portanto o possível quinto refúgio, de Guaira) pelos mesmos 4000 animais a média será de 7,54 hectares por animal.

Mais adiante compararemos esses dados com as informações sobre terras para os índios.

CUSTOS DA OPERAÇÃO "MYMBA-KUERA"



Para salvar esses bichos a Itaipu montou um grande esquema, com 15 viaturas e até helicóptero. Ao todo, custaram a pequena fortuna de 240 milhões de cruzeiros (Itaipu dá a cifra em dólares, 615 mil, porque paga em dólares, que nunca respeitam câmbios oficiais).

Isso dá a quantia de 60 mil cruzeiros por bicho (cobra, tamanduá, rato, ou o que seja) se a Itaipu tiver resgatado 4.000 bichos (é bem provável que não passê de 3 000).

OS INDIOS E OS BICHOS

Enquanto cada família indígena vai receber em média 20,09 hectares, Itaipu vai dar a cada bicho (60% de - les são cobras) no mínimo 7,17 hectares.

O que significa isso?

Isso quer dizer que a quantia de terra ^{que} uma família indígena (7 pessoas por exemplo) vai poder ocupar: -respeitando mato, fazendo roça, construindo casa, deixando outros espaços - é a mesma quantia de terra que vai ser entregue à ocupação ^{de} 3 bichos (três ratos, por exemplo).

Esses números assustam? Mostram alguma coisa do que pensa Itaipu?

Mas tem mais.

Itaipu gastou com reassentamento e indenização para os Avá-Guarani: um total não superior a 12 milhões de cruzeiros, o que significa pouco menos de 46.000,00 por família indígena.

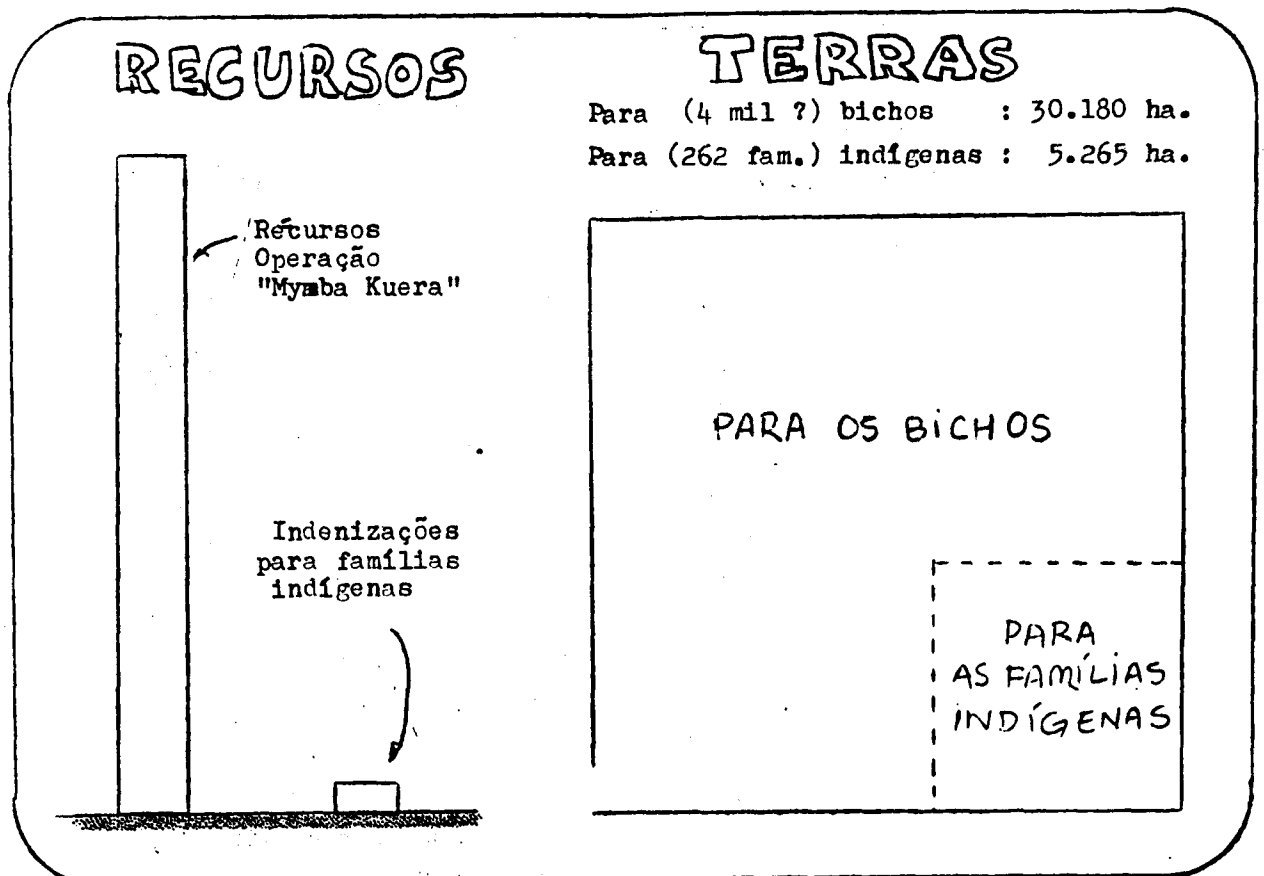
Em contrapartida, Itaipu gastou-no mínimo - 240 milhões com sua

operação "Mymba-Kuera", o que significa pelo menos 60.000,00 para cada bicho, (uma cobra, por ex). Isso sem considerar os gastos realizados com minuciosos levantamentos das espécies de mamíferos, aves e insetos da região, que precederam os trabalhos, e sem considerar os gastos realizados com minuciosos levantamentos das espécies de mamíferos, aves e insetos da região, que precederam os trabalhos, e sem considerar os gastos com manutenção do refúgio Bela Vista, onde os animais vem sendo examinados, classificados desde a inauguração do Canal de Desvio.

GENOCÍDIO À BRASILEIRA

Que visão de ecologia é essa dos homens de Itaipu? Que visão de ecologia é essa dos financiadores dessa obra?

É bem possível que homens como Ar

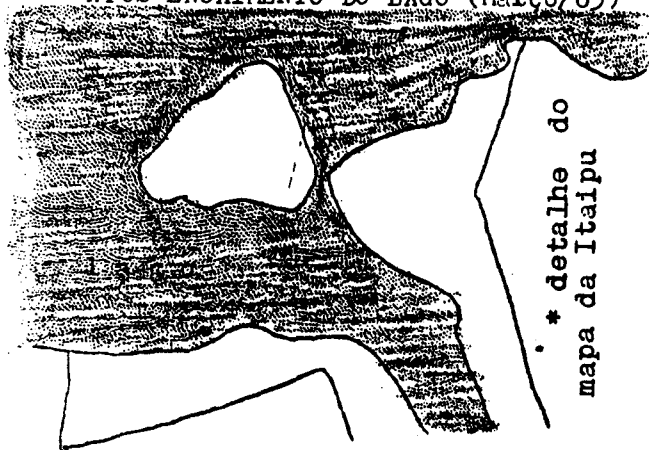


naldo Muller, chefe do Depto de Meio Ambiente de Itaipu, se julgam "humanistas", pelo importante trabalho de salvamento dos animais. Que "humanismo" seria esse?

Aliás, não se condena o trabalho de salvar os bichos, vítimas também inocentes desses desvairados tecnocratas que construíram a Pirâmide do século XX. Ou que se condena, com veemência, e se acusa, como genocídio, é o enorme disparate entre a atenção - às terras, o dinheiro - dada aos bichos e a que coube aos seres humanos, aos povos indígenas.

Os números são claros, indiscutíveis. Itaipu está condenando os Povos indígenas à morte, tirando-lhes os meios necessários e indispensáveis à sua sobrevivência. Isso tem um nome, internacionalmente conhecido: GENOCÍDIO! Quem pagará por ele? (u

A TERRA QUE DE FATO VAI SOBRA
APOS ENCHIMENTO DO LAGO (Matco/83)



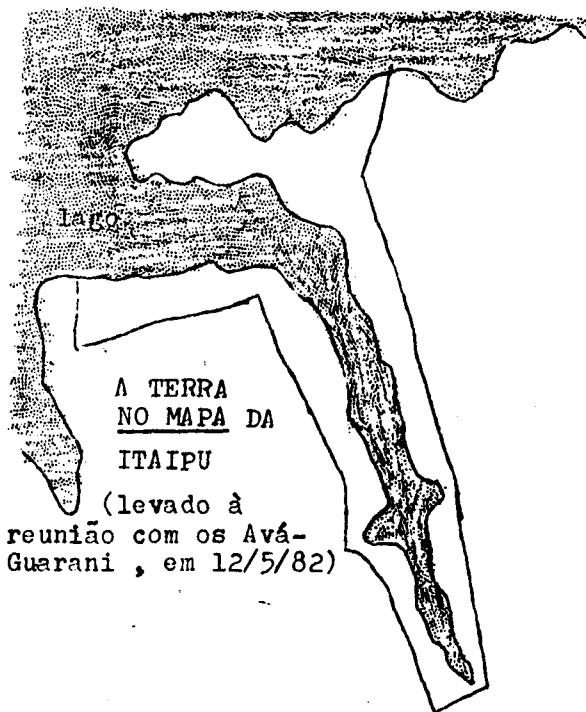
A TERRA QUE NÃO ERA TERRA

Para encerrar, vale acrescentar novas denúncias que nos chegam: a terra a Itaipu Binacional ofereceu aos Avá-Guarani do Ocof - e que, com a pressão da Funai, eles aceitaram - na verdade ficará em boa parte debaixo das águas

as estruturas de concreto dessa bestialidade chamada Itaipu servirão para esconder a todos os tecnocratas criminosos (que, em geral, usam a capa de Técnicos)?

O general prepotente, isto é, o general presidente da Binacional, Costa Cavalcanti, será chamado aos tribunais - nacionais e internacionais - para responder por esse crime vergonhoso??

Os homens e mulheres desse país continuarão assistindo - em berço esplêndido - "esse impávido colosso", esse crime do século, essa absurda inversão de valores que salva cobras e ratos e condena à morte povos indígenas?



do lago. Ou seja: era mentira da Itaipu o mapa que entregou aos índios e entidades indigenistas com uma proposta de Área - que a Funai pressionou os índios a aceitar. Boa parte daquela terra vai ficar embaixo da água.

Se isso for confirmado, o que vai acontecer?

Quem será culpado? Os técnicos de Itaipu iriam cometer um erro tão grosseiro, justo numa obra como essa em que sempre predominou a exatidão nos mínimos detalhes (menos no respeito aos direitos humanos)?

O Sr. Paulo Cunha, assessor jurídico da empresa e negociador do engenho com os Guarani, será responsabilizado?

A Funai, que participou decisivamente nessa trama - que já à época se denunciou como lesiva aos interesses indígenas - será responsabilizada?

Ou viveremos ainda em tempos de impunidade?

Não se constrói democracia e sociedade justa cobrindo e escondendo injustiças.

Wilmar da Rocha D'Angelis

NOTA

- (1) Cf. CARVALHO, Edgard de Assis. "Avá Guarani do Ocoí-Jacutinga". (Xanxerê/Curitiba), CIMI Sul-CJP/PR - ANAT/PR, 1981



Desenhos de CAULOS

NOTA : sobre Itaipu e os Avá-Guarani (Xiripá) veja-se:

- Luta Indígena nº 16 (Março 82) : "Os Guarani contra Itaipu"; "Contra Itaipu" ; "Paraguay: os Guarani e Itaipu"; "Excesso de energia, erro 'inacreditável' "
- Luta Indígena nº 17 (Agosto 82) : "Ocoí: solução que envergonha o país, ameaça os Guarani e favorece transnacionais"; "Os Avá-Guarani atingidos pelos indicadores de indianidade"; "Os Avá-Guarani da margem direita do Rio Paraná (Paraguay) e os encaminhamentos com Itaipu".

LUTA INDÍGENA¹⁸

PRECEDENTE

ANO VII DEZEMBRO 1982

Informativo para missionários e indígenas do Sul do Brasil
Redação : Juracilda Veiga Ilustrações: Wilmar R. D'Angelis

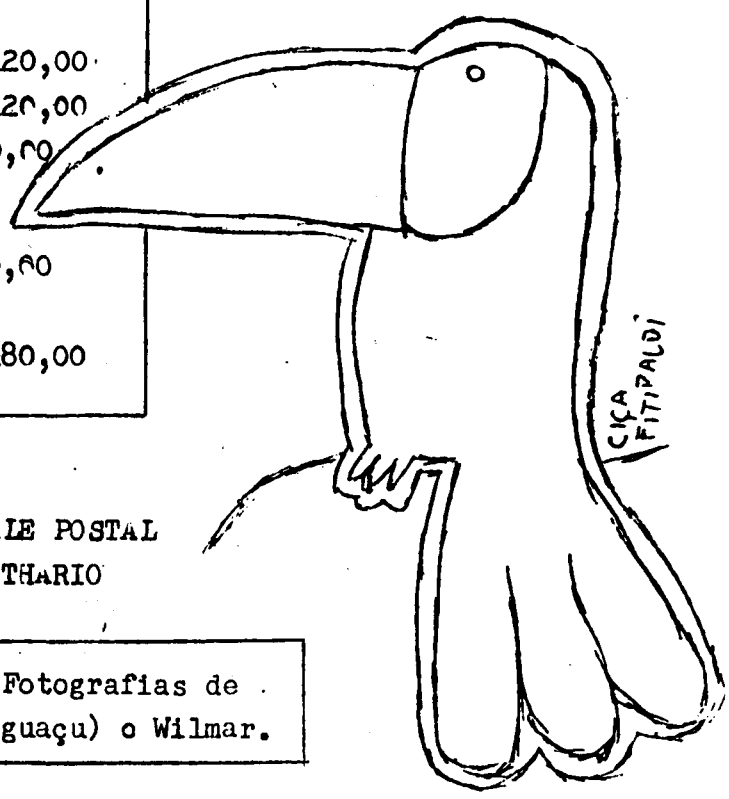
REGIONAL SUL DO CIMI
Conselho Indigenista Missionário
Caixa Postal 65
89.820 - XANXERÊ - SC - BRASIL

AUTORIZA-SE A REPRODUÇÃO DE MATÉRIAS E ILUSTRAÇÕES DESDE QUE CITADA A FONTE. PEDE-SE ENVIO DE UM EXEMPLAR DA PUBLICAÇÃO.

Números atrasados disponíveis:

nº 12 - Junho/80 - R\$ 120,00
nº 15 - Novembro/81 - R\$ 120,00
nº 16 - Março/82 - R\$ 120,00

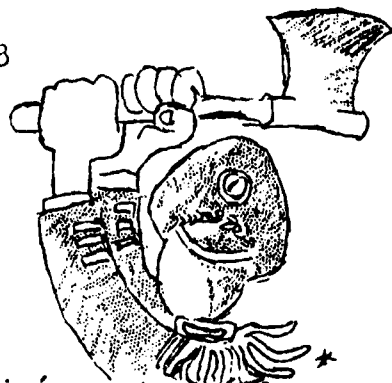
nº 17 - Agosto/82 - R\$ 180,00
Índices do Luta Indígena,
do nº 01 ao nº 15 - R\$ 180,00



CONTRIBUIÇÕES ENVIAR POR VALE POSTAL
OU CHEQUE EM NOME DE PE. LOTHARIO
THIEL

CAPA DESTA EDIÇÃO : Fotografias de
"Nosso Tempo" (Foz do Iguaçu) o Wilmar.

JORNALISTA CONDENADO



NOTA DO CIMI REGIONAL SUL

Dentro de poucos dias o país assistirá - estarrecido, revoltado e compulsóriamente emudecido - o fechamento das comportas da Itaipu multinacional, que inundará enorme quantidade de terras das mais férteis do mundo das quais a obra faraônica expulsou milhares de famílias de agricultores. Vítimas de expulsão também foram grupos indígenas Guarani, seculares habitantes da região, que receberam a título de consolação, minúscula parcela de terra para morar. A destruição da beleza das Sete Quedas é tão somente mais um dos crimes pelos quais responde essa obra ^{de} desinteresse nacional.

Quando as comportas de Itaipu se fecharem para formação do seu descabido lago, o jornalista Juvêncio Mazarollo, de Foz do Iguaçu, talvez não esteja presente para tomar fotos e depoimentos. Estará talvez onde hoje se encontra: atrás das grades do cárcere político, cumprindo pena de detenção imposta pela assim chamada Justiça Militar.

Juvêncio Mazarollo tem muito a ver com Itaipu. Através do jornal "Nosso Tempo", de Foz do Iguaçu, não cessou de denunciar os abusos, as mentiras, o engodo do projeto de endividamento crescente do país em favor das multinacionais, projeto que leva o nome de Itaipu Binacional. Fruto de seu trabalho jornalístico, publicou "A teipa da injustiça", que a outra obra não poderia referir-se senão àquela.

Se democracia houvesse, absurda seria a prisão de Juvêncio Mazarollo por expressar livremente sua opinião. Esse "crime" pelo qual o condenaram: exercer a liberdade de expressão, garantida pela Declaração Universal dos Direitos do Homem e referida no artigo 153 da Constituição Brasileira. Mas, na falta do que se precisa, tem-se a chamada "abertura". E a abertura pôs no cárcere o jornalista Juvêncio Mazarollo!

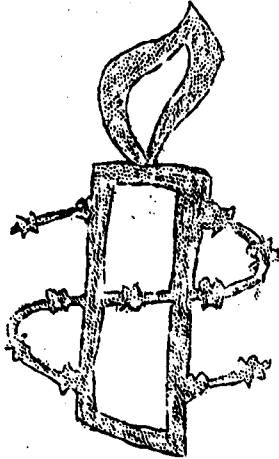
As multinacionais festejarão com tranquilidade o fechamento. O fechamento das comportas de Itaipu multinacional.

O povo brasileiro revoltado assiste a prisão daqueles que manifestam corajosamente - porque os tempos exigem coragem - sua opinião.

O CIMI Regional Sul, identificando-se com a luta pela democracia no país, manifesta seu repúdio pelo ato de arbítrio, solidarizando-se com

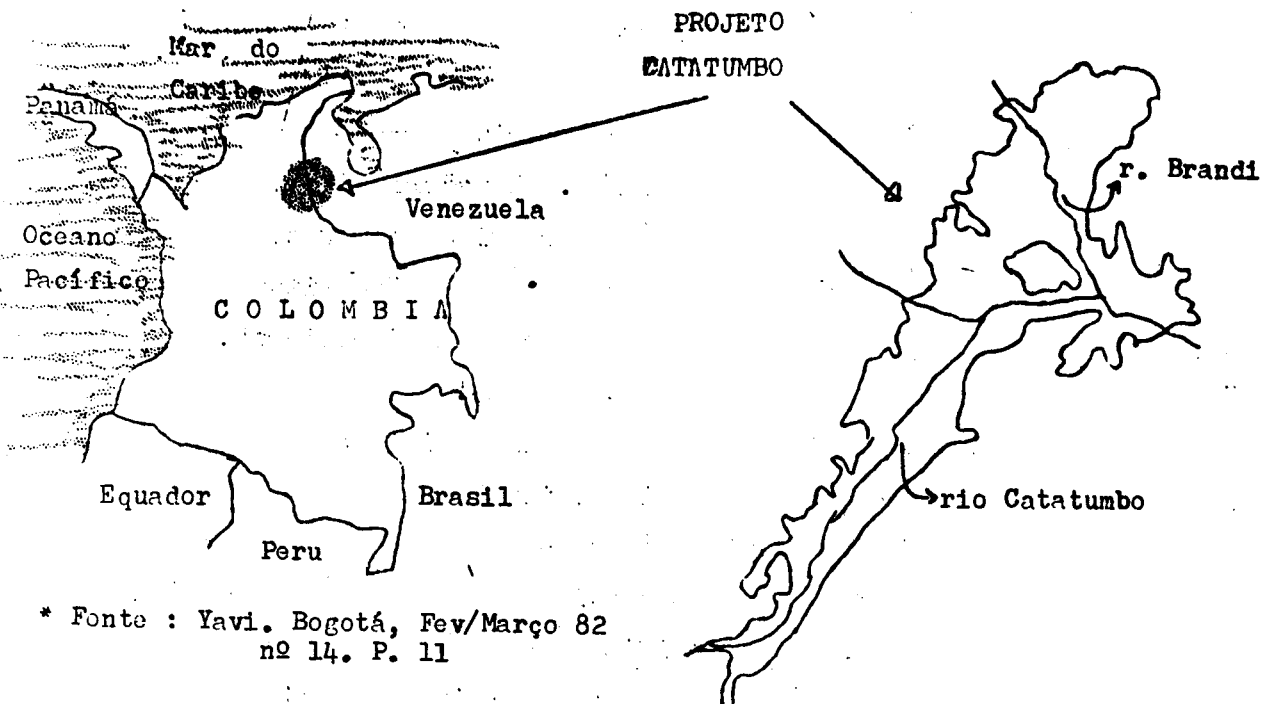
o jornalista detido e apoiando as ações por sua libertação imediata, pelo fim das prisões por manifestação de pensamento e pelo fim dos Tribunais Militares

Xanxerê, SC, 02 de Outubro de 1982



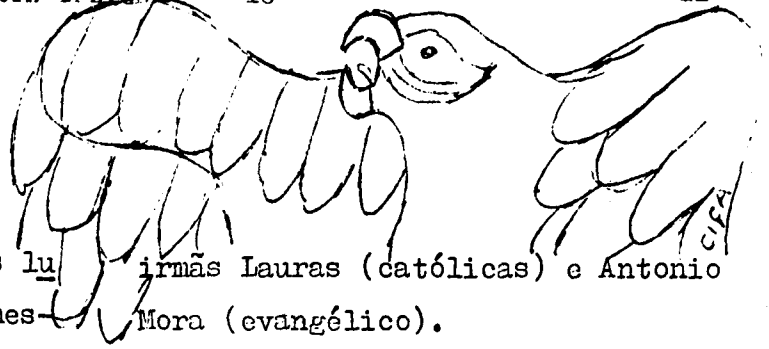
desenho pg anterior, detalhe de charge
de LANTU in "Solidaridad" n.º 34
AGOSTO 82 - COLOMBIA:

M A P A S * REFERENTES A MATÉRIA DA PG SEGUINTE:
"Guerras de deuses e hidrelétricas "



* Fonte : Yavi. Bogotá, Fev/Março 82
n.º 14. P. 11

GUERRAS DE DEUSES
E HIDRELÉTRICAS *



Em uma região onde os nomes dos lugares recordam os autores dos mesmos - "Filo Aringo, Caño Brandy" - irmãs Lauras (católicas) e Antonio Mora (evangélico).

na atualidade se está planejando a construção de uma hidrelétrica: nos referimos à represa que será construída no rio Catatumbo, no departamento de Norte de Santander.

A represa de Tarra inundará 264 km² de terras planas e aptas para agricultura (1). O projeto abarca territórios compreendidos entre a localidade de Filo Aringo e rio Oru, até a cidade de La Gabarra exclusiva.

A parte dos numerosos colonos residentes na zona, serão afetadas famílias indígenas do grupo étnico Barí, que desde tempos pré-hispânicos habitam a zona. Este grupo sobreviveu à política de pacificação da concessão Barco (2) que deu como resultado que o território Barí ficava conquistado e a população dividida em três grupos indígenas, grupos que são dirigidos por pessoas alheias à comunidade. O grupo mais extenso por norte-americanos. Os outros dois grupos estão em mãos das

Nos últimos anos a fragmentação da comunidade Barí permitiu o debilitamento de sua organização social e cultural e, como se fosse pouco, a empresa de Energia Elétrica de Bogotá planeja inundar, com a construção da represa, terras pertencentes aos três grupos.

Este fato é uma grande ameaça para os Barí porque a pressão colonizadora na zona impede a possibilidade de mudança do grupo a outras terras. Apoio e solidariedade aos Barí podem ser manifestadas A/C YAVI - Apartado Aéreo 14789 - BOGOTÁ - COLOMBIA.

N O T A S

- (1) 264 km² = 26.400 hectares (NT)
 (2) A "Concesión Barco" está ligada à descoberta de petróleo no território Barí na década de 20 A "Concesión", firmada em 1931, compreende 186.805 hectares - e, dentro deles, as terras indígenas - e foi entregue à Tropical Oil Company, da Standard Oil (USA) (NT).

* Matéria publicada em YAVI, nº 14, Fev/Março 1982 p. 11 .